



M AIS de quatro seculos nos separam do tempo em que os impressores de Moguncia e Strasburgo,—espalhando pela Europa algumas folhas volantes, com as noticias da guerra entre gregos e turcos e das victorias do Sultão Mahomet II,—crearam o vehiculo rapido do pensamento humano, a que se deu depois este curto, magico, prestigioso e expressivo nome: “jornal.” Aquelles boletins dos discipulos e continuadores de Guttemberg foram, de facto, o nucleo gerador d’esta immensa e dilatada imprensa de informação, que avassalla a terra, dirigindo todo o movimento commercial, politico e artistico da humanidade, pondo ao seu proprio serviço, á medida que apparecem, todas as conquistas da civilisação, augmentando e firmando de anno em anno o seu dominio,—e chegando a ameaçar de morte a industria do livro, como acabam de confessar a um redactor de “La Révue” todos os grandes editores da capital franceza.

Quem está matando o livro, não é propriamente o jornal: é, sim, a revista, sua irmã mais moça, cujos progressos, no seculo passado e neste começo de seculo, são de uma evidencia maravilhosa. Mas “jornal” e “revista” confundem-se, formando juntos a provincia maior da imprensa, e aperfeiçoando-se juntos, numa evolução continua, que ninguem pode pre-

ver quando nem como alcançará o seu ultimo e summo estadio.

Justamente, agora, nos ultimos dias de 1903, dois physicos francezes, Gaumont e Decaux, acabam de achar uma engenhosa combinação do phonographo e do cinematographo,—o chronophono,—que talvez ainda venha a revolucionar a industria da imprensa diaria e periodica. Diante do aparelho, uma pessoa pronuncia um discurso: o chronophono recebe e guarda esse discurso, e, d’ahi a pouco, não somente repete todas as suas phrases, como reproduz, sobre uma téla branca, a figura do orador, a sua phisionomia, os seus gestos, a expressão da sua face, a mobilidade dos seus olhos e dos seus labios.

Talvez o jornal futuro seja uma applicação dessa descoberta... A actividade humana augmenta, n’uma progressão pasmosa. Já os homens de hoje são forçados a pensar e a executar, em um minuto, o que os seus avós pensavam e executavam em uma hora. A vida moderna é feita de relampagos no cerebro, e de rufos de febre no sangue. O livro está morrendo, justamente porque já pouca gente pode consagrar um dia todo, ou ainda uma hora toda, á leitura de cem paginas impressas sobre o mesmo assumpto. Talvez o jornal futuro,—para attender á pressa, á anciedade, á exigencia furiosa de informações completas, instantaneas e multiplicadas,—seja um jornal fallado, e illustrado com projecções animatographicas, dando, a um só tempo, a impressão auditiva e visual dos acontecimentos, dos desastres, das catastrophes, das festas, de todas as scenas alegres ou tristes, serias ou futeis, d’esta interminavel e complicada comedia, que vivemos a representar no immenso tablado do planeta...

*

Por agora,—emquanto não chega essa era de supremo progresso, contentemo-nos com o que temos, que já não é pouco...